

Globethics Repository



A Filosofia mudou depois de Auschwitz [Philosophy changed after Auschwitz]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Junges, Márcia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-16 10:39:01
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/161782

A Filosofia mudou depois de Auschwitz

Para continuar sendo chamada de Filosofia, essa ciência precisa se “encontrar com seus fundamentos éticos de sentido”, e questionar pelo sentido que o Ser deve assumir para construir um mundo no qual não haja mais espaço para a barbárie

POR MÁRCIA JUNGES

Questionado se a Filosofia mudou após Auschwitz, o filósofo Ricardo Timm foi enfático: “Definitivamente, se quiser merecer continuar sendo chamada de Filosofia”. E justifica: “A Filosofia é obrigada, pelo horror e pelo imperativo de sua evitação, a se encontrar com seus fundamentos éticos de sentido. O problema não é mais questionar pelo Ser, mas questionar pelo *sentido* que o Ser deve assumir na construção de um mundo em que Auschwitz não tenha lugar”. As declarações fazem parte da entrevista a seguir, concedida por e-mail, à IHU On-Line. Em seu ponto de vista, é difícil imaginar que algum filósofo tenha vivenciado o horror nazista e ficado indiferente. Se ficou indiferente, provoca Timm, “duvido muito que permaneça merecendo essa designação de ‘filósofo’”. Os pensadores se viram na obrigação de “sobreviver” a esse trauma radical. Dessa forma, Timm destaca Adorno pela elaboração de um “modelo de pensamento que propõe alternativas sólidas à violência que Auschwitz e tudo que se lhe assemelha significa”. As filosofias de Lévinas, Heidegger, Nietzsche e Hegel também são tema da entrevista a seguir.

Timm é graduado em Instrumentos, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Estudos Sociais e Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Também cursou o mestrado em Filosofia, pela mesma universidade, e doutorado em Filosofia, pela Universität Freiburg (Albert-Ludwigs) com a tese *Wenn das Unendliche in die Welt des Subjekts und der Geschichte einfällt – Ein metaphänomenologischer Versuch über das ethische Unendliche bei Emmanuel Lévinas*. Escreveu inúmeros livros, entre eles, *Sujeito, Ética e História – Lévinas, o traumatismo infinito e a crítica da filosofia ocidental* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999), *A condição humana no pensamento filosófico contemporâneo* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004) e *Em torno à diferença – Aventuras da alteridade na complexidade da cultura contemporânea* (Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2007). É também um dos organizadores de *Alteridade e Ética – Obra comemorativa dos 100 anos do nascimento de Emmanuel Lévinas* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008).

IHU On-Line - Como a marca do ódio do homem contra o homem deixada pelo nazismo perpassa e inspira Lévinas a construir um sistema em que a Ética e alteridade são os pilares principais? Podemos falar numa ética da diferença? O que seria ela?

Ricardo Timm - A Ética da Alteridade – que, em sentido lato, é uma ética das diferenças, assim mesmo, no plural – se constitui essencialmente em uma resposta à violência contra a vida e a Alteridade, o Outro, que não apenas o Nazismo significou de modo eminente,

mas que todos os sistemas opressores da humanidade (e mesmo dos animais e da natureza em geral) vêm significando ao longo dos séculos. Consiste essencialmente em mostrar que a ética não é subsidiária de nenhum conhecimento ou saber prévio, mas *condição* vital-temporal de todo saber e conhecimento, ou seja, *prima philosophia*. Observe-se que Lévinas¹ não “nega” o Ser; para Lévinas, o

1 Emmanuel Lévinas (1906-1995): filósofo lituano, nascido na cidade de Kaunas (ou Kovno), de descendência judaica e naturalizado francês, bastante influenciado pela fenomenologia de Edmund Husserl, de quem

Ser é o *lugar*, o espaço onde o encontro com o Outro e a responsabilidade por ele se devem dar na construção do sentido humano-ecológico.

foi tradutor, assim como pelas obras de Martin Heidegger. Seu pensamento parte da idéia de que a ética, e não a ontologia, é a Filosofia primeira. É no face-a-face humano que se irrompe todo sentido. Diante do rosto do Outro, o sujeito se descobre responsável e lhe vem à idéia o Infinito. Sobre Lévinas, confira a entrevista concedida em 30-08-2007, por Rafael Haddock-Lobo, com exclusividade ao site do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, intitulada “Lévinas: justiça à sua filosofia e a relação com Heidegger, Husserl e Derrida”. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - Filosoficamente, que outros autores, além de Lévinas, construíram respostas ao horror nazista?

Ricardo Timm - É difícil conceber que algum filósofo que tenha vivenciado diretamente ou indiretamente o horror nazista não tenha sido influenciado por este acontecimento maior na história contemporânea, mas, se algum filósofo não o foi, eu duvido muito que permaneça merecendo essa designação de “filósofo”. Assim, a totalidade dos grandes pensadores que vivenciou o período foi obrigado a *sobreviver* a este trauma radical. Todavia, eu destacaria nesse universo um pensador em particular – Theodor W. Adorno² – que elabora, a partir da crítica filosófica a um tal estado de coisas e em articulação com um diagnóstico interdisciplinar extremamente sofisticado da sociedade e cultura contemporâneas, um modelo de pensamento que propõe alternativas sólidas à violência que Auschwitz e tudo que se lhe assemelha *significa*. Temos em Adorno a fundamental reconfiguração do imperativo categórico da tradição: para ele, é imperativo “impedir que Auschwitz se repita”.

IHU On-Line - A Filosofia mudou depois de Auschwitz? Em que aspectos?

Ricardo Timm - Definitivamente, se quiser merecer continuar sendo chamada de Filosofia. A Filosofia é obrigada, pelo horror e pelo imperativo de sua evitação, a se encontrar com seus fundamentos éticos de sentido. O problema não é mais questionar pelo Ser, mas questionar pelo *sentido* que o Ser deve assumir na construção de um mundo em que “Auschwitz” não tenha lugar.

IHU On-Line - Hitler dizia ter lido, entre outros, Hegel e Nietzsche, além de se declarar um wagneriano convicto. Em que medida Hitler compreendeu e distorceu o pensamento desses filósofos e compositor?

² Theodor Wiesengrund Adorno (1903-1969): sociólogo, filósofo, musicólogo e compositor, definiu o perfil do pensamento alemão das últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em todos os países, em especial pelo seu clássico *Dialética do Iluminismo*, escrito junto com Max Horkheimer, primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de idéias em filosofia e sociologia que conhecemos hoje como Escola de Frankfurt. (Nota da IHU On-Line)

“Carl Schmitt é um pensador singular, essencial para a compreensão da filosofia política contemporânea independentemente de seu viés político explícito”

Ricardo Timm - Nem Hegel, nem Nietzsche,³ nem mesmo o polêmico Wagner permitiriam, apenas pela leitura de suas obras ou de parte delas, inferências tão baixas que sustentassem uma doutrina do teor do nazismo. Outra questão é saber se nesses pensadores – Wagner incluído – não se encontram elementos da grande tradição logocêntrica ocidental que permitiram, por alguma metamorfose doentia, alguns aspectos daquilo que se pode ler como uma certa base “filosófica” de aspectos da doutrina nazista.

IHU On-Line - De que forma o agir político de Hitler se entrelaçou com a filosofia de pensadores como Heidegger e Carl Schmitt?

³ Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras, figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela IHU On-Line edição 175, de 10 de abril de 2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada “Nietzsche e Paulo”. A edição 15 dos *Cadernos IHU em formação* é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Carl Schmitt (1888-1985): jurista e cientista político alemão. A IHU On-Line 139, de 02-05-2005, publicou o artigo “O pensamento jurídico

Ricardo Timm - Carl Schmitt é um pensador singular, essencial para a compreensão da filosofia política contemporânea independentemente de seu viés político explícito. Todavia, ao meu ver, permanece, apesar de tudo, um pensador, ou seja, alguém capaz de dialogar até mesmo com um Walter Benjamin. Há que saber distinguir o que, de Schmitt, nos dá hoje o que pensar. Já o caso de Heidegger⁵ me parece bem mais complicado; não é segredo para ninguém que ele, durante certo período crítico, abraçou o nacional-socialismo, havendo perdido posteriormente várias chances de se retratar. De qualquer forma, é possível – e tem sido realizada, especialmente na Alemanha, mas não apenas lá – uma exegese de seus textos que indiciam que sua proximidade com o referido ideário era mais intenso, até mesmo visceral, em relação ao que se depreende apenas, por exemplo, da leitura do “Discurso do reitorado”.

IHU On-Line - Como podemos entender que, em pleno século XX, e com amplo apoio da população alemã e de outras partes do mundo, se chegou ao terror nazista?

Ricardo Timm - Através de uma rigorosa arqueologia da razão ocidental. Pensadores como os filósofos da Escola de Frankfurt, Derrida e Lévinas, entre outros, nos mostram que estranho seria se o caminho que vai “da funda à bomba atômica”, no dizer dos frankfurtianos, não fosse trilhado, uma vez que a obsessão pelo ser e o desprezo pela temporalidade confluem necessariamente em um delírio ontológico-instrumental no qual a ética como realidade propriamente dita não tem, ou

co-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo”. (Nota da IHU On-Line)

⁵ Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947) e *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a IHU On-Line publicou na edição 139, de 02-05-2005, o artigo “O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo”. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, e 187, de 03-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponíveis para download no sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu. Confira, ainda, o nº 12 dos *Cadernos IHU em formação* intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*. (Nota da IHU On-Line)

“Nem Hegel, nem Nietzsche, nem mesmo o polêmico Wagner permitiriam, apenas pela leitura de suas obras ou de parte delas, inferências tão baixas que sustentassem uma doutrina do teor do nazismo”

apenas tem dificilmente lugar.

IHU On-Line - Na Alemanha e no mundo atual, há espaço para esse tipo de político ditador? As pessoas, em pleno século XXI, apoiariam uma política como aquela?

Ricardo Timm - As condições permanecem. Devemos perder a ingenuidade e entender que a crença em uma idéia linear de “progresso moral” não se justifica nem historicamente, nem filosófica, política ou sociologicamente. Enquanto a racionalidade instrumental permanecer ditando as regras maiores do mundo, como hoje o faz sob a forma capitalista, na transformação da qualidade em quantidade pela anulação das diferenças, da Alteridade, nada nos garante que as massas não venham a aderir ao suicídio coletivo que significam doutrinas aberrantes em relação à vitalidade e à saúde dos seres humanos individuais, das comunidades e dos ecossistemas.

LEIA MAIS...

>> Confira outra entrevista com Ricardo Timm de Souza no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu).

* *Nanotecnologia e filosofia*. Cadernos IHU em formação nº 26, de 2008.

A fragmentação do discurso como estética literária do Pós-Guerra

Para o historiador e crítico literário Márcio Seligmann-Silva, na literatura do pós-holocausto há uma estética da fragmentação do discurso. Além disso, esclarece, radicaliza-se a crise de paradigmas para explicar o mundo, bem como na arte e literatura

POR MÁRCIA JUNGES

“**A** Segunda Guerra Mundial radicalizou aquilo que já havia sido iniciado com a Primeira Guerra Mundial, ou seja, a crise dos grandes paradigmas, tanto de explicação do mundo como nas artes e na literatura”, assinala o historiador e crítico literário Márcio Seligmann-Silva. Segundo ele, “o hitlerismo e, sobretudo, a maquinaria dos campos de extermínio, gerados por uma nação que tinha desempenhado um papel chave no Iluminismo, significou uma novidade devido à radicalidade da violência e à sua origem. A idéia de exterminar onze milhões de indivíduos (o plano de Hitler), ou seja, todos os judeus europeus, era inédita nesta radicalidade. Isto gerou uma onda de memória também inédita na sua força. Esta onda mantém-se até hoje e está na origem de milhares de testemunhos”. Ele afirma que na literatura “vemos uma estética pós-holocausto marcada por uma fragmentação do discurso”.

Seligmann-Silva é graduado em História, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), mestre em Letras, pela Universidade de São Paulo (USP), e doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada, pela Freie Universität Berlin. É pós-doutor pelas seguintes instituições: PUCSP, Zentrum Für Literaturforschung Berlin e Yale University. Também é professor livre-docente da Universidade Estadual de Campinas e coordena o projeto temático FAPESP Escritas da Violência. Entre as obras que publicou, estão *Ler o livro do mundo. Walter Benjamin: romantismo e crítica poética* (São Paulo: Iluminuras/ FAPESP, 1999), *Adorno* (São Paulo: PubliFolha, 2003) e *O local da diferença. Ensaio sobre memória, arte, literatura e tradução* (São Paulo: 34, 2005). Organizou também os livros *História, Memória, Literatura. O testemunho na era das catástrofes* (Campinas: Editora da Unicamp, 2003) e *Palavra e imagem, memória e escritura* (Chapecó: Argos, 2006).

IHU On-Line - Em que sentido é possível se falar em uma mudança de paradigma na literatura pós Segunda Guerra Mundial?

Márcio Seligmann-Silva - A Segunda Guerra Mundial radicalizou aquilo que já havia sido iniciado com a Primeira Guerra Mundial, ou seja, a crise dos grandes paradigmas, tanto

de explicação do mundo como nas artes e na literatura. O que se pode dizer que acontece agora também, ou seja, desde a Segunda Guerra Mundial, é um “secamento” do veio nacionalista nascido com o romantismo. Mais e mais as encenações autobiográficas ou as tendências mais formalistas e conceituais vão predom